

ESTATÍSTICA MENSAL DA PRODUÇÃO A PARTIR DE UMA AMOSTRA REPRESENTATIVA (SETEMBRO DE 2014)

Com base na amostra representativa da IACA (temos novamente 20 empresas, o que significa que o peso da amostra é de cerca de 78% da produção associada, tendo sido ajustados todos os dados, inclusivamente desde 2012), constata-se que **em setembro de 2014** a produção se situou em 184 792 toneladas contra as 183 177 tons produzidas em setembro de 2013, o que representa uma ligeira subida (0.9%) comparativamente ao período homólogo.

No entanto, esta aparente recuperação ficou a dever-se essencialmente ao facto do número de dias de fabrico não ser o mesmo (21 dias em 2013, contra os 22 de 2014), o que significa que se tivermos em conta a produção média diária, constatamos uma redução de 3.7% (8 723 tons em setembro do ano passado e 8 400 tons no mesmo mês de 2014), mantendo a tendência que tem caracterizado o ano em curso: uma produção em quebra, pela diminuição da procura nos alimentos para aves e “outros animais”.

No entanto, com mais ou menos dias de fabrico, como já tem acontecido em meses anteriores, a “produção está lá” e a conjuntura do mês de setembro ficou marcada por uma redução na produção de alimentos para aves (-3.8%), fundamentalmente ao nível dos frangos de carne, compensada pelos crescimentos nos alimentos para bovinos (1.9%), suínos (7.9%) e outros animais (7.2%). Por outro lado, contrariamente aos dois últimos anos, o mês de setembro regista uma subida de 1.4% face a agosto, apesar da diferença de dias de fabrico.

Estamos, sem dúvida, perante um mercado muito difícil e extremamente competitivo, em que a pecuária não cresce, o consumo de produtos animais estagna ou dá sinais de diminuição e, como tal, a não ser com uma aposta nas exportações e na substituição de importações por produção nacional, é difícil estancar esta perda de efetivos, de património genético e de identidade. Para já, apesar do Governo assumir uma cumplicidade para com o Setor, como ficou vincado recentemente na Feira do Porco e tem sido reiterado pela Ministra e Secretários de Estado nos encontros com os diferentes setores e Associações da fileira da produção animal, entre as quais a IACA, os estrangulamentos ainda são enormes, a descapitalização é evidente, bem como os atrasos no recebimento, regressando algumas dificuldades no acesso ao crédito que prejudicam o investimento.

O que não significa que algumas empresas e organizações, demonstrando uma enorme capacidade de empreendedorismo e de resiliência, não tenham investido e ainda apostem na modernização das suas infraestruturas e em novas unidades de negócio – temos vários exemplos no nosso universo de associados - mas não são suficientes para absorver toda a capacidade instalada. Por outro lado, regista-se, de um modo geral, enormes preocupações com a Qualidade, em fazer bem, em inovar, em adotar novas estratégias de comunicação relativamente aos clientes, no sentido de melhorar a sua competitividade e sustentabilidade. Um Setor que, apesar das dificuldades e constrangimentos, desde logo o problema das relações com a grande distribuição, continua vivo e dinâmico e a justificar um papel da maior importância na cadeia agroalimentar em Portugal. Faltam medidas de políticas públicas que o consubstanciem como tal.

Conhecidas as principais medidas do Orçamento de Estado para 2015, com um crescimento do PIB de 1.5% e uma taxa de desemprego em baixa para os 13.4%, anuncia-se uma relativa flexibilização do deficit mas a carga fiscal não irá diminuir, ao mesmo tempo que se adensam algumas nuvens na Europa sobre uma eventual recessão na economia europeia depois de alguns países (entre os quais a Alemanha) terem dado sinais de abrandamento na sua atividade económica.

Numa altura em que a generalidade dos europeus parece não confiar na recuperação da economia, perspetiva-se mais incerteza e austeridade para a União Europeia em 2015. Em Bruxelas, com uma nova Comissão a partir de 1 de novembro e já com um novo Parlamento, a prioridade assenta no crescimento e no emprego, ao mesmo tempo que a política é dominada pelo impacto do embargo russo e as consequências para o setor agroalimentar mas os Estados-membros não se entendem porque, afinal, as reservas de crise (saídas dos pagamentos diretos) não são suficientes, existindo até receios de que os fundos agrícolas, neste contexto de fortes constrangimentos orçamentais, poderão ser canalizados para outras áreas. Recordemos ainda que a partir de 2015 iremos ter uma nova PAC em implementação, pelo que há que aguardar para ver o seu impacto no setor pecuário, em particular no leite, bovinos de carne e pequenos ruminantes, com ajudas ligadas.

**Quadro 1 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Amostra Representativa)**

	Toneladas		
	Setembro 2013	Setembro 2014	Variação (%)
AVES	88 312	84 996	-3.8
BOVINOS	41 074	41 834	1.9
SUINOS	43 990	47 458	7.9
OUTROS	9 801	10 504	7.2
TOTAL	183 177	184 792	0.9

Quadro 2 – Evolução da Produção de Janeiro a Dezembro

	Toneladas			
	2012	2013	2014	VAR%2014/13
JANEIRO	205 424	189 328	188 884	-0.2
FEVEREIRO	197 894	172 053	168 216	-2.2
MARÇO	211 698	183 095	179 531	-2.0
ABRIL	195 560	191 697	183 406	-4.3
MAIO	206 978	198 611	185 417	-6.6
JUNHO	190 426	175 204	179 621	2.5
JULHO	209 029	193 298	196 957	1.9
AGOSTO	206 848	192 228	182 264	-5.2
SETEMBRO	173 583	183 177	184 792	0.9
OUTUBRO	205 858	202 477		
NOVEMBRO	197 436	190 829		
DEZEMBRO	187 685	191 824		
TOTAL	2 388 419	2 263 821	1 649 088	-1.8

**Quadro 3 – Evolução da Produção de Alimentos Compostos
(Valores Acumulados)**

Toneladas

	JAN-SET 2013	JAN-SET 2014	VAR %
AVES	820 148	772 650	-5.8
BOVINOS	357 204	367 566	2.9
SUINOS	393 468	408 101	3.7
OUTROS	107 871	100 771	-6.6
TOTAL	1 678 691	1 649 088	-1.8

Entretanto, ao nível da **produção acumulada**, com os dados de setembro, temos agora uma quebra de 1.8% no período de janeiro a setembro (-2.1% no mês anterior), devido à redução de 5.8% nos alimentos para aves e a uma contração de 6.7% nos alimentos para “outros animais”, não compensadas pelas subidas de 2.9% nos alimentos para bovinos e de 3.7% nos suínos.

Por outro lado, no que respeita ao chamado **“mercado livre”**, registou-se, em setembro, uma diminuição de 0.5%, (contra os +0.9% no mercado global) demonstrando, apesar das dificuldades e acentuada concorrência, que este segmento continua relativamente bem posicionado. No entanto, a quota de mercado dentro da amostra recuou 0.2%, situando-se nos 39.1%. Em termos acumulados, o mercado livre apresentou, nestes 9 meses de 2014, uma diminuição de 2.1% (cerca de 13 600 tons) face à quebra de 1.8% do total da amostra.

Quadro 4 – Evolução da Produção Por Espécies

1000 TON

	AVES		BOVINOS		SUINOS		OUTROS	
	2013	2014	2013	2014	2013	2014	2013	2014
JANEIRO	87	83	41	45	48	49	14	13
FEVEREIRO	84	76	36	38	41	42	12	11
MARÇO	91	85	37	40	42	44	13	11
ABRIL	94	87	40	41	45	45	13	11
MAIO	97	90	42	39	46	45	13	11
JUNHO	87	86	37	39	40	44	10	11
JULHO	96	95	42	43	44	48	11	11
AGOSTO	95	87	41	41	44	45	11	10
SETEMBRO	88	85	41	42	44	47	10	11
OUTUBRO	95		45		52		10	
NOVEMBRO	90		41		50		10	
DEZEMBRO	87		43		49		13	
TOTAL	1092	774	486	368	544	409	141	100

Nota: Valores não coincidentes com os quadros anteriores, devido aos arredondamentos

Relativamente aos **mercados pecuários**, na **avicultura**, os preços do frango apresentam cotações de 0.95 €/kg de peso vivo nos mercados de referência, com tendência de estabilidade. Os ovos denotam atualmente igual tendência, com as cotações situadas entre 0.82 e 0.90 €/dúzia, mais reduzidas que as do mês anterior. No peru, a tendência é agora de estabilidade, mas os preços caíram relativamente a setembro, situando-se as

cotações em 2.30 €/kg carcaça. Como decorre da análise das produções de alimentos compostos, o setor avícola, em particular o frango, atravessa um período particularmente complicado, com baixos preços no consumo, o que se reflete naturalmente nos preços à produção, um fenómeno que se verifica em toda a Europa e que não pode ser desligado da crise em que vivemos, com uma quebra acentuada no rendimento disponível. Nos **bovinos**, temos assistido a uma tendência de manutenção das cotações ao nível da Bolsa, com os novilhos nos 4.00 €, as vitelas 4.20 € e as vacas para abate 2.35 €/kg carcaça. Assistimos a um aumento dos abates, com ligeiro aumento no peso médio dos animais abatidos. No entanto, os comentários dos diferentes operadores revelam uma grande incerteza quanto à evolução das cotações. No **leite**, o sector está a ser alvo de uma quebra de preços devido ao embargo russo, o que levou a Comissão a decidir medidas no âmbito da intervenção mas o facto é que as verbas disponíveis na reserva de crise parecem ser insuficientes e a prioridade parece apontar no sentido de apoiar os Estados Bálticos e a Finlândia, em que as exportações para a Rússia têm um peso de 15% no total da produção e os preços caíram mais de 20%. Por outro lado, contrariamente ao que se passa em Portugal, assiste-se a uma tendência de aumento da produção e ultrapassagem das quotas leiteiras em países chave, numa altura em que o mercado mundial dá sinais de abrandamento e eventual baixa de preços, que já se começa a fazer sentir. Nos **suínos**, a tendência da Bolsa tem sido de quebras sucessivas – depois da manutenção na Bolsa de 14 de agosto, as cotações têm vindo a cair, com nova redução, de 0.0133 €/kg carcaça na Sessão de 16 de outubro - sentindo-se, e de que maneira, os efeitos da proibição das exportações para a Rússia, pugnando-se em Bruxelas por medidas de apoio ou de intervenção no Setor. O Comissário referiu-se pela primeira vez à conjuntura de mercado, não para se mostrar disponível em utilizar os instrumentos de que dispõe, mas para referir que existe um efeito positivo que decorre da redução dos custos da alimentação e que permite travar a degradação das margens, salientando ainda que é necessário ajustar a oferta à dimensão da procura. Melhor seria compreender o mercado, auscultar os operadores e perceber que a quebra de preços das principais matérias-primas, em particular os cereais, não tem sido tão significativa como a redução consecutiva de preços na produção desde agosto e que, apesar das perspectivas de que “já terão batido no fundo”, não existem certezas de inversão da tendência porque é difícil encontrar mercados alternativos e ultrapassar o impacto negativo do embargo russo. Do lado das **matérias-primas**, confirmam-se notícias de colheitas record na União Europeia e produções em alta no mercado mundial, de cereais e de oleaginosas, com uma grande oferta de trigo forrageiro. Níveis de produção que permitirão descidas de preços e recuperação de stocks, com aspetos positivos na competitividade da pecuária. No entanto, em Portugal, temos uma vez mais a questão do aprovisionamento de soja de que falámos há um ano, chamando a atenção dos nossos governantes e das nossas empresas associadas, no sentido de estarem cobertas para evitar problemas acrescidos. A questão da qualidade do milho, tendo em conta as chuvas durante a colheita, merece particular atenção, pela eventual presença de aflatoxinas. O QUALIACA não está “esquecido” da agenda, apenas aguardamos uma reunião conjunta, na Secretaria de Estado da Alimentação, com a DGAV, ACICO e o Secretário de Estado, para ultrapassar as questões levantadas pelos representantes dos importadores ao Protocolo de colaboração com a DGAV. A IACA tudo tem feito e tudo fará para implementar o Projeto, na certeza de que é estruturante e uma mais-valia para o Setor.